

## VISÕES CRÍTICAS SOBRE O TEATRO DE MACHADO DE ASSIS

**Gabriela Maria Lisboa Pinheiro**

Universidade de São Paulo – USP

Machado de Assis, teatro brasileiro, crítica teatral.

Machado de Assis escreveu e publicou, ao todo, onze peças teatrais entre os anos de 1860 e 1906. A maior parte de suas peças foi escrita durante a década de sessenta, mas o autor continuou a escrever teatro, esporadicamente, nas décadas seguintes. Seu trabalho foi bastante expressivo durante este período, pois o autor ao publicar *Ressurreição* (1872), seu primeiro romance, já gozava de bom prestígio na corte. Este reconhecimento foi devido as suas peças teatrais, poesias e ao seu trabalho como crítico teatral e censor do Conservatório Dramático.

Machado começou a escrever suas peças em um momento em que o teatro passava por uma grande transformação: era a passagem do romantismo para o realismo teatral. O teatro realista chegou como uma forma de ruptura ao teatro romântico e às comédias de caráter muito popular, desenvolvidas especialmente por Martins Pena. Esta nova escola pretendia oferecer peças que representavam, sobretudo, o bom gosto e um estilo de vida que defendia os aspectos positivos da vida burguesa, que emergia nesta segunda metade do século na cidade do Rio de Janeiro. Nosso autor tornou-se um grande defensor desta nova escola, como prova seus textos críticos.

Curiosamente, Machado não chegou a escrever peças que tivessem como modelo a alta comédia realista. Os provérbios dramáticos, comuns na obra de Alfred de Musset representaram o caminho encontrado pelo autor para a criação de seu teatro. De qualquer forma este gênero se aproxima da comédia realista, entre outras razões pela mesma luta em alcançar o bom gosto, por apresentar personagens que representavam a alta sociedade (seus ideais e estilo de vida) e pelas formas e estratégias encontradas para conferir comicidade aos diálogos estabelecidos entre as personagens. Desde a iniciação de Machado como dramaturgo a crítica em torno de suas peças tem sido bastante variada, e é fácil observar como ela é pouca se comparada aos trabalhos que tratam de seus melhores contos e romances, além de serem quase sempre superficiais. Poucos se dedicaram a aprofundar na análise de suas peças, e apenas recentemente temos observado uma maior atenção ao seu teatro.

Entre as críticas que as peças de Machado receberam durante o período em que foram escritas, uma se destaca pela repercussão que teve posteriormente: é a carta enviada por Quintino Bocaiúva ao autor. Nela, Bocaiúva falava a respeito de *O caminho da porta* e *O protocolo*, duas das primeiras peças escritas por Machado. O autor aborda vários aspectos nos textos de Machado, mas as idéias de que aquelas duas comédias representavam ainda “um ensaio”, valiosas apenas como “artefatos literários” e que, portanto, eram para “serem lidas e não representadas” se tornaram quase que verdades definitivas dentro da crítica machadiana. Bocaiúva fazia referência à falta de dramaticidade e de “idéias” mais sérias, originais e completas nas duas peças de Machado, construídas de acordo com o modelo dos provérbios dramáticos.

A questão da falta de dramaticidade é facilmente justificável por serem, estas duas peças, escritas de acordo com o modelo dos provérbios dramáticos (este gênero caracteriza-se justamente pela falta de dramaticidade e por estar centrado nos diálogos desenvolvidos por suas personagens). Em relação às “idéias mais sérias”, Bocaiúva provavelmente tinha em mente o modelo das altas comédias realistas, que tratavam de discutir questões de grande importância para a sociedade burguesa, e esta não era uma pretensão dos provérbios dramáticos. Sem dúvida, estas idéias que boa parte da crítica acabou por relacionar a toda a produção teatral de Machado (muitas vezes atribuindo erroneamente as palavras de Bocaiúva a todas as peças do autor), devem ser revistas nos trabalhos que abordam sua dramaturgia, pois de certa forma elas selaram a suposta falta de habilidade de Machado como dramaturgo.

Mais tarde José Veríssimo também falou da obra teatral de Machado de Assis em sua *História da Literatura Brasileira*: “Fizera teatro não só porque o momento, o de maior florescimento do nosso, lho acoroçoava, mas por gênero que o atraía, cuidando que as qualidades para ele se apurariam com o tempo e o trabalho. (...) uma porção de dons somemos, mas essenciais ao bom sucesso na arte inferior que é o teatro, faltavam a Machado de Assis. No teatro nunca pôde ele passar de composições ligeiras, ao gosto de “provérbios” franceses, sainetes, contos porventura espirituosamente dialogados, algumas encantadoras de graça fina e elegante estilo, mas sem grande valor teatral.” (VERÍSSIMO, 1954: 345) “Tudo, porém, não passava de um ato, excelente como literatura amena para deleitar-nos uma hora, mas sem a ação, a força, a emoção que deve trazer a obra teatral” (VERÍSSIMO, 1954: 358)

Talvez a melhor observação que podemos fazer aqui é a visível desvalorização do provérbio dramático em relação aos gêneros que o autor do texto considerava os verdadeiramente dignos para a realização da obra teatral, embora aponte algumas qualidades nos textos de Machado. Além disso, de maneira semelhante a Bocaiúva, José Veríssimo também menciona o valor de suas peças como realizações literárias, mas ainda sem as qualidades necessárias para serem levadas ao palco. A questão da adequação das peças do autor para o palco foi desmistificada, com o tempo, por alguns críticos que se dedicaram a analisar as peças do autor. Sem dúvida, opiniões de críticos como José Veríssimo influenciaram no posicionamento que críticos posteriores assumiram em relação a esta parte da obra de Machado, especialmente daqueles que não aprofundaram na análise de suas peças.

Décio de Almeida Prado publica, em 1955, *A evolução da literatura dramática*, que faz parte do livro *A literatura no Brasil* de Afrânio Coutinho. Percebemos então nova visão sobre a obra teatral de Machado: “As suas duas primeiras comédias, *O caminho da porta* e *O protocolo*, apesar de pouco significativas, surgem como verdadeiros milagres de finura e simplicidade quando comparadas à turgidez declamatória então em moda. (...) Não representam ainda o melhor Machado, mas já revelam a sua inteligência, a sua graça subjacente, o seu gosto característico pela parábola (...). Não – está claro – que seu teatro restante seja de qualidade inferior. Ao contrário, uma peça como *Lição de Botânica*, por exemplo, é uma pequena obra prima de humor romântico, de ironia e delicadeza

sentimental. Mas, apesar disso, vai uma distância enorme entre o nível de seus melhores contos e romances e o destas comédias (...)” (COUTINHO, 1955: 271).

A visão diferenciada de Décio de Almeida Prado talvez se dê pela vantagem histórica de poder observar as diferenças das peças de Machado com o teatro que se fazia no Brasil, além de possuir, é claro, uma visão mais apurada das qualidades que podemos encontrar em peças como *Lição de Botânica*. Ele observa também a desproporção da qualidade das obras teatrais quando comparadas aos melhores contos e romances do autor, o que não justifica o esquecimento, ou desvalorização, em que a obra para o teatro se encontrou ao longo dos anos.

Ruggero Jacobbi, italiano que viveu no Brasil e atuou como diretor, professor e crítico teatral, oferece uma boa contribuição a respeito do teatro de Machado de Assis, em seu livro *O expectador Apaixonado*, de 1962: “O teatro brasileiro da época de Gonçalves Dias não merecia um Gonçalves Dias, assim como o teatro brasileiro do tempo de Machado não mereceu um Machado de Assis. A crítica literária, singularmente apressada e injusta neste ponto, chegou à conclusão de que nem Gonçalves Dias nem Machado de Assis possuíam vocação para o teatro. A verdade é que hoje, quando temos do ponto de vista do espetáculo: ator, encenador, cenografia – um teatro de nível internacional, basta a apresentação de *Leonor de Mendonça* ou da *Lição de Botânica*, no teatro e na TV, no Rio e em São Paulo, para causar espanto num público mais que desconfiado.” (JACOBBI, 1962: 53).

A experiência de Ruggero Jacobbi como diretor de teatro pôde transformar alguns dos aspectos negativos apontados pela crítica machadiana, em relação às peças do autor, em problemas que podem ser solucionados quando trabalhados no palco. Sem dúvida, o crítico italiano também soube valorizar o teatro de Machado ao compreender o seu significado e importância dentro do contexto artístico de meados do século XIX.

Além dos autores citados, outros voltaram a falar sobre a obra teatral de Machado de Assis, dedicando-lhe maior ou menor atenção. Entre eles merecem destaque Joel Pontes (1960), Cecília Loyola (1997) e Helena Tornquist (2002), que produziram trabalhos mais completos a respeito dos textos teatrais do autor; e Jean Michel-Massa, que desenvolveu importantes estudos sobre a juventude do escritor (período em que a maior parte de suas peças foi escrita). Uma investigação mais profunda desta parte da obra de Machado é necessária para que se reveja aquilo que foi dito sobre seu teatro. Assim, poderemos reconhecer o quanto a crítica foi justa ou equivocada, e seu teatro poderá ocupar o lugar que realmente merece dentro da obra do autor.

## **Bibliografia**

FARIA, João Roberto. **Idéias teatrais: o século XIX no Brasil**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2001.

JACOBBI, R. **O espectador apaixonado**. Porto Alegre: Publicação do curso de Arte Dramática / Universidade do Rio Grande do Sul, 1962

MACHADO DE ASSIS, J.M. **Teatro de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PRADO, D. A. “A Evolução da Literatura Dramática”. In: COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1955, pág. 271.

TORNQUIST, Helena. **As novidades velhas: o teatro de Machado de Assis e a comédia francesa**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

VERÍSSIMO, J. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954.